

SOB O SIGNO DO VI CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO INFANTE SANTO (1402-2002)

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO *

O presente artigo pretende ser uma súmula da dissertação de doutoramento que defendemos na Universidade de Coimbra em Literatura Latina Medieval ¹. O trabalho em causa consiste na edição crítica, tradução e estudo filológico do *códice nr. 3634 do Fundo Latino* da Biblioteca Apostólica Vaticana, intitulado *Martirium pariter et gesta magnifici ac potentis Infantis Domini Fernandi, magnifici ac potentissimi Regis Portugalie filii, apud Fez pro fidei zelo et ardore et Christi amore*, uma biografia latina de D. Fernando, o Infante Santo (1402-1443). Trata-se de uma obra essencialmente hagiográfica, na tradição medieval do género, com um núcleo central historiográfico de sabor fortemente clássico, à imitação de alguns dos maiores historiadores da Antiguidade Romana, dedicado à conquista de Tânger.

Tudo leva a supor que esta biografia latina, que se encontra no Vaticano, visasse um público estrangeiro e tivesse sido redigida e enviada ao Papa no intuito específico de promover a canonização de D. Fernando.

A obra latina nunca havia sido editada nem estudada com profundidade. Uma das principais vantagens deste trabalho consiste, logo à partida, na *editio princeps* do código, acompanhada de uma reprodução do manuscrito.

Após a abordagem das normas de edição e de transcrição adoptadas, segue-se uma exposição teórica sobre a metodologia utilizada no estabelecimento do texto crítico – e isto justifica-se devido à enorme divergência de opiniões entre os especialistas relativamente aos pressupostos teóricos

* Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

¹ António Manuel Ribeiro Rebelo, *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi. Edição Crítica, Tradução, Estudo Filológico*, Diss., 2 vol., Coimbra, 2001, pp. XXII + 1056.

inerentes à edição de textos latinos medievais – segue-se a descrição do códice acompanhada da análise de alguns casos mais relevantes do ponto de vista paleográfico. A edição crítica, com o aparato crítico e o das fontes literárias, é acompanhada de uma tradução, dada a dificuldade do texto latino, e serve ao mesmo tempo para justificar as opções relativamente à fixação do texto crítico.

A análise linguística – fonética, morfológica e sintáctica – que se lhe segue, além de contribuir para a explicação do texto crítico e de algumas das conjecturas apresentadas, pretende esclarecer os passos mais obscuros que alguns estudiosos outrora qualificaram injustamente de latim bárbaro.

Esta análise confirma que nos encontramos perante uma linguagem com qualidade, aspirando à coerência das normas clássicas. Do estudo realizado retiramos, por isso, uma certa habilidade no manuseamento da língua. Em alguns casos, a competência linguística do autor assume-se numa aproximação às normas clássicas, em detrimento das características mais usuais no latim medieval. Essas situações específicas de aproximação aos paradigmas normativos consagrados pelos autores clássicos manifestam-se sempre de forma coerente desde o princípio até ao fim da obra.

Embora o autor imprima ao discurso laivos classicizantes, a maioria das suas características morfossintáticas e semânticas é genuinamente medieval. Poderíamos caracterizar o registo linguístico da obra como um latim medieval numa fase de transição para o latim renascentista.

As divergências observadas relativamente à norma clássica são, por um lado, inerentes à própria natureza do latim medieval. Por outro lado, alguns desses desvios são aparentes e explicam-se por uma certa descoordenação aquando da emergência simultânea, no espírito do autor, de várias construções sintáticas. Sendo esses “desvios” por vezes alternativos uns aos outros, acabam todavia por se entrelaçar, combinando-se entre si, devido ao facto de a mão ser incapaz de acompanhar a rapidez da mente. Assim, uma frase iniciada segundo um determinado esquema sintáctico é alterada no decorrer da sua enunciação e termina configurando uma construção sintáctica já (ligeira ou profundamente) diversa.

Algumas das imperfeições que poderão ser atribuídas com segurança ao biógrafo latino de D. Fernando justificam-se devido à urgência e consequente precipitação com que o trabalho foi elaborado. Muitas mais, porém, são imputáveis ao copista da obra. Efectivamente, o autor nem sequer deve ter tido tempo para rever o seu texto. Tão-pouco teve oportunidade ou possibilidade de acompanhar o processo final. Isso significa que o autor e o copista se encontravam geograficamente muito distanciados um do outro.

Revela-se, pois, injusta a apreciação sumária que Fr. Fortunato de S. Boaventura faz ao latim do *Martyrium et Gesta...*: “barbaro, e rasteiro”². O Arcebispo de Évora é, aliás, dos primeiros a suspeitar da incúria do *scriptor*³.

A análise linguística permitiu-nos ainda precisar com segurança que o copista era estrangeiro e não residia em Portugal. O estudo de algumas tendências ortográficas e o seu confronto com formas lexicais medievais – latinas e românicas – do espaço da *Romania*, permite-nos ajuizar que o calígrafo provirá da zona francófona. Neste contexto, é fácil deduzir-se que o manuscrito terá sido enviado para a Borgonha por instâncias da Duquesa D. Isabel, para aí ser caligrafado e encadernado. Por outro lado, a amplitude cronológica que definimos para a redacção do *Martyrium et Gesta...* (entre 1451 e 1470/71) estaria perfeitamente integrada dentro do período de vida da irmã do Infante Santo. Efectivamente, terá sido com a morte de D. Isabel que o processo de canonização de D. Fernando foi arquivado.

Finalmente, e no tocante à análise linguística, resta sublinhar que o recurso persistente a determinadas construções sintácticas, ainda que estas possam ser justificadas por factores que condicionaram a redacção e organização da obra, poderia causar alguma monotonia discursiva, mas assim não acontece por mérito da variedade de recursos estilísticos utilizados.

Quanto à análise estilístico-literária, procedeu-se à exploração dos diversos recursos retórico-estilísticos próprios da latinidade medieval, à análise às fontes literárias (clássicas, bíblicas, medievais latinas, medievais portuguesas). Efectivamente, a análise estilístico-literária permitiu aquilatar o elevado nível literário da obra e a profunda erudição e competência literária do seu autor. Desta análise e do confronto do *Martyrium et Gesta...* com outras fontes literárias e documentais, podemos inferir que não se trata de uma mera tradução da outra biografia fernandina, o *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso Senhor Ifante dom Fernando*, da autoria de Fr. João Álvares, como aliás o principal

² Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Summario da vida, acçoens e gloriosa morte do Senhor D. Fernando, chamado o Infante Santo* (Acta Uniuersitatis Conimbrigensis), Coimbra, 1958, p. 5.

³ *Idem, ibidem*: “[...] ainda que não me foge a certeza de que por incuria do amanuense se lhe introduziraõ muitos erros, que nunca se devem attribuir ou imputar ao primeiro escritor”.

estudioso do secretário de D. Fernando já havia concluído a partir de um confronto sumário entre a biografia portuguesa e a tradução da biografia latina ⁴.

O *Martyrium et Gesta...* é uma obra essencialmente hagiográfica, na tradição medieval do género, com um núcleo central historiográfico de sabor fortemente clássico, à imitação de alguns dos maiores historiadores da Antiguidade Romana.

Não deixa de ser impressionante a vasta cultura literária do autor anónimo do *Martyrium et Gesta...* Ela evidencia a pluralidade e variedade das *auctoritates* sagradas e profanas, sobre as quais a biografia latina de D. Fernando lançou sólidos alicerces.

A sua erudição manifesta-se primeiramente na profundidade do conhecimento bíblico-patristico e, conseqüentemente, litúrgico, como denunciam as inúmeras citações de textos bíblicos e litúrgicos, reforçadas pelo uso intensivo de expressões típicas da linguagem da tradição judaico-cristã – o que nos leva a definir que o seu autor revestirá estatuto eclesiástico. O domínio da linguagem jurídica e dos princípios teológicos, alguns dos quais retomados e redefinidos nos concílios então recentemente celebrados, indiciam uma eventual posição académica do autor, provavelmente com experiência diplomática e jurídica.

A enorme dívida contraída pelo biógrafo latino para com os autores e obras da latinidade cristã e medieval é documentada não apenas pela quantidade de citações registadas, mas também pelo recurso a um vasto leque de expressões comuns, de proveniência diversa, que, não sendo citações *stricto sensu*, se haviam tornado já património linguístico da civilização ocidental. O recurso a algumas dessas obras é explicado pelos objectivos pragmáticos da biografia latina, entre os quais sobressai o propósito de o autor imprimir à caracterização do Infante a excelência das qualidades modelares de Job e de S. Francisco de Assis.

A influência predominante não apenas das citações de textos franciscanos, mas também da própria linguagem comum às fontes seráficas e bem assim a facilidade com que o autor se move nos autores minoritas – hagiógrafos e cronistas – permite-nos conjecturar com alguma consistência que o autor do *Martyrium et Gesta...* seria muito provavelmente um frade franciscano.

⁴ Adelino de Almeida Calado, *Fr. João Álvares. Estudo textual e literário-cultural*, Coimbra, 1964, pp. 186-187.

De resto, a linha de maior influência, centrada, com insistência, nas fontes franciscanas, não só denuncia o enquadramento religioso do autor anónimo, como está em consonância com a enorme influência dos Minoritas na Corte de Avis. Não é sem razão que o retrato de D. Fernando evidencia uma impregnação do pensamento franciscano, manifestamente nas normas de humildade, na devoção à Virgem Maria ⁵, na espantosa semelhança entre a vida de D. Fernando e a do minorita S. Luís, Rei de França, na própria imitação de Cristo, à imagem do mais famoso *alter Christus* da História (como por vezes é chamado S. Francisco de Assis).

A espiritualidade franciscana, plasmada no retrato do Infante Santo, aflora constantemente ao longo de toda a obra. Ainda que Frei João Álvares, em cuja obra o biógrafo latino se inspirou, já tivesse organizado a biografia de D. Fernando salientando os aspectos em que o seu amo se aproximava da perfeição evangélica, i. e., em que a sua acção denotava uma exacta *conformatio* à vida de Cristo, tal como ela se encontra descrita nos Evangelhos, o autor do *Martyrium et Gesta...* imprimiu maior dinâmica franciscana a essa espiritualidade recorrendo às citações de textos de autores minoritas ⁶.

Em suma, ambas as análises permitem situar o autor do texto numa mentalidade ainda medieval, permitiram ainda descobrir que o autor era português, redigiu o seu texto em Portugal, onde teve acesso às fontes documentais, mas não participou na expedição contra Tânger, nem terá sido ele a transportar o códice para Roma. Por outro lado, as duas análises, sobretudo a primeira, forneceram ainda indícios de que o copista era estrangeiro, não era residente em Portugal, sendo provavelmente de origem francófona, e que a execução do trabalho de cópia e a encadernação terão sido realizadas num espaço geográfico distante do do autor. Tanto na redacção como no processo de cópia, várias situações apontam para

⁵ Fruto certamente da intensa influência franciscana que os Frades Menores exerciam na Corte, a dinastia de Avis cultivava uma intensa devoção a Nossa Senhora. Note-se que os Portugueses levaram para Tânger uma imagem da Virgem.

⁶ Tencionamos explorar futuramente a caracterização espiritual do Infante D. Fernando no *Martyrium et Gesta...* Em todo o caso, sobre o ideal da espiritualidade franciscana, veja-se o artigo de A. Pompei, “Francescanesimo”, no vol. 4 do *Dizionario degli istituti di perfezione*, ed. G. Pelliccia e G. Rocca, Roma, 1974-..., e a vasta bibliografia aí indicada, à qual acrescentamos ainda os artigos de F. Félix Lopes, “O Infante Santo. No quinto centenário da sua morte”, *Boletim Mensal. Missões Franciscanas e Ordem Terceira*, 7 (1943) 161-167, e de Mário Martins, “O ciclo franciscano da nossa espiritualidade medieval”, *Biblos*, 27 (1951) 141-247. Cfr. ainda a “nota final”.

uma certa urgência na realização do trabalho e é essa pressa que justifica algumas das alegadas ‘incorrecções’ a que os estudiosos fazem alusão. A análise linguística, designadamente a sintáctica, explica muitos desses casos. Por vezes, é a confluência de diversas técnicas literárias que torna a linguagem mais elaborada e consequentemente mais intrincada. A análise linguística e retórico-estilística contribuíram para integrar o estilo do autor na latinidade medieval, embora já numa fase proto-renascentista. Sobretudo a análise semântica permitiu igualmente situar a obra na mentalidade e no ambiente sócio-cultural da época e explicar a plurissignificação de determinadas expressões e de algumas das imagens utilizadas.

Sobre a vertente historiográfica da biografia latina paira igualmente o espírito de cruzada, por vezes com um pendor característico da linguagem épica. A complexa citação, na lin. 333 do *Martyrium et Gesta...*, de cada um dos *Livros dos Macabeus*, por exemplo, é um dos reflexos das tendências épicas da narrativa historiográfica ⁷. Todavia, essa vertente deve ser interpretada no âmbito da mentalidade cristã. A ausência quase absoluta de citações de obras análogas da literatura clássica pagã é bem reveladora do ambiente representado e sobretudo da finalidade das acções bélicas narradas, cujo teor é predominantemente cristão, pois as manobras são empreendidas no âmbito do espírito de Cruzada, de Reconquista. Nesta perspectiva se devem compreender as numerosas citações da crónica de Guilherme de Tiro, da *Historia de rebus Hispaniae siue Historia Gothica* de Rodrigo Jiménez de Rada e da *Historia Compostellana*. Ora, o género hagiográfico, particularmente o que associa o conceito de martírio ao de cruzada, assume-se como a corporização cristã da antiga epopeia ⁸. A combinação das vertentes hagiográfica e historiográfica no

⁷ Os Macabeus permanecem, na história do povo judaico e, em geral, na história do Povo de Deus, uma das principais referências de heroicidade veterotestamentária. A que ponto o argumento dos *Livros dos Macabeus* se adequava à adaptação ou importação para obras de cariz épico, demonstrou-o Miguel da Silveira com o seu poema, em castelhano, *El Machabeo*.

⁸ São vários os estudiosos que vêem na hagiografia uma evolução do género épico. Vd. e. g. Hippolyte Delehaye SJ, *Les Passions des martyrs et les genres littéraires* (Subsidia hagiographica, 20), Bruxelles, 1966, pp. 171 sqq; Alison Goddard Elliott, “The Martyr as Epic Hero: Prudentius’ *Peristephanon* and the Old French *Chanson de Geste*”, *Proceedings of the Patristic, Medieval, and Renaissance Conference*, Villanova, 1978, pp. 119-136; Alison Goddard Elliott, “The Power of Discourse: Martyr’s Passion and Old French Epic”, *Mediaevalia et Humanistica* n.s. 11 (1982) 39-60; Alison Goddard Elliott, *Roads to Paradise, Reading the Lives of the Early Saints*, Hanover-London, 1987, no

Martyrium et Gesta... permite estabelecer uma identificação do mártir com o novo herói épico. A muito poucas obras hagiográficas se poderá aplicar simultaneamente o duplo conceito pagão e cristão de epopeia formulado por H. Delehaye: “L’agiographe fait comprendre que, pour le chrétien, le martyr est ce que sont pour les peuples les héros qui, au prix de leur vie, ont fondé la nationalité”⁹.

A conclusão é óbvia. D. Fernando, o Mártir de Fez, não só é exaltado pela dimensão cristã da sua conduta, i. e., pela exemplaridade da vida virtuosa que culmina no sacrifício supremo do martírio, como também o é em função do pendor temporal da sua gesta: o sacrifício não já pela fundação da nacionalidade, mas pela propagação dessa nacionalidade (aliás, indiscernível da propagação da Fé).

As citações de autores clássicos, embora menos numerosas do que as outras – e confinadas essencialmente ao relato predominantemente historiográfico da biografia fernandina – são deveras pertinentes e encontram-se muito bem integradas no corpo do texto.

A quantidade e a natureza das fontes citadas apenas de forma implícita – i. e., citações com grande amplitude de sentido e menor preocupação no rigor, na precisão do texto –, revelam uma bagagem cultural adquirida através da memorização, como, aliás, prescreviam os métodos pedagógicos da época.

Enfim, os conhecimentos literários (directos e indirectos) do biógrafo latino de D. Fernando ultrapassavam largamente as obras que figuravam nas bibliotecas dos Príncipes de Avis¹⁰. Todavia, também é verdade que

capítulo intitulado “Hagiographic Epic” (pp. 16-41). Há quem veja na identificação do herói épico com o mártir uma sequência da propaganda das Cruzadas por parte da Igreja (vd. Alison Goddard Elliott, *Roads to Paradise, Reading the Lives of the Early Saints*, Hanover-London, 1987, pp. 13 e 184). Vd. ainda Pierre van Nuffel, “Problèmes de sémiotique interprétative: L’Épopée”, *Lettres Romanes* 27 (1973) 150-162. A vida de D. Fernando, independentemente de se tratar da biografia portuguesa ou da latina, prestava-se a uma abordagem épica. Na opinião de alguns estudiosos, o próprio Calderón de la Barca limitou a diegese do seu *El Príncipe Constante* ao período do cativo fernandino para condensar na personalidade do Infante toda a carga dramática, por forma a converter todo o drama numa épica universal. Vd. Johan Schulze, *Über den «Standhaften Prinzen» de Don Pedro Calderón*, Weimar, 1811 *apud* Calderón de la Barca, *El Príncipe Constante*, Edición, introducción y notas de Alberto Porqueras Mayo, Madrid, 1975, p. xiv.

⁹ Hippolyte Delehaye SJ, *Les Passions des martyrs et les genres littéraires* (Subsidia hagiographica, 20), Bruxelles, 1966, p. 172.

¹⁰ Sobre as referidas bibliotecas, vd. Teófilo Braga, “Livrarías manuscriptas do século XV e a descoberta da Imprensa”, *Historia da Universidade de Coimbra nas suas*

os textos e autores mais citados na biografia fernandina, tanto clássicos como cristãos e medievais, eram justamente os mais proeminentes de entre as existências registadas nos catálogos das referidas bibliotecas. Os exemplos que mais sobressaem relativamente a este aspecto são Séneca e Cícero, para os autores clássicos, e Santo Agostinho e S. Gregório Magno, para os restantes.

Aliás, o filósofo estóico é, juntamente com Cícero, um dos autores clássicos mais citados no *Martyrium et Gesta...* Cabem aqui as palavras de Jean Leclercq a propósito da leitura de modelos profanos pelos autores medievais: “Plusieurs des maîtres de la langue sont d’ailleurs en même temps des maîtres de la réflexion, comme Sénèque et Cicéron ¹¹”.

O *Martyrium et Gesta...* proporciona um contributo válido para o estudo da linguística e da literatura portuguesas medievais. Mas não se pense que o biógrafo fernandino circunscreveu as suas fontes à matéria exarada no *Trautado* de Fr. João Álvares. Além das obras já referidas, o autor do *Martyrium et Gesta...* inspirou-se, efectivamente, noutros textos portugueses, designadamente em documentação que se encontrava no Arquivo ou, pelo menos, na Livraria Real – como seria o caso e. g. do *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte*, de testamentos, de bulas pontifícias, etc – e que manuseou, para fundamentar ou complementar as referências de natureza histórica. Recorreu, portanto, a diversas informações, escritas ou orais, às quais o redactor da *Crónica de El-Rei D. Duarte* terá tido acesso, como se depreende do confronto com a redacção final de Rui de Pina.

Porém, a abundância e pluralidade de fontes alheias em nada prejudicou a coesão estrutural da obra. A atitude do autor anónimo perante as suas fontes, que ele bem dominava, é orientada por uma certa autonomia e desprendimento relativamente ao original. O processo imitativo não é

relações com a instrução publica portuguesa, Lisboa, 1892, vol. 1 (1289-1555), pp. 190-245; Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, vol. 1, Edade Media, Porto, 1909, pp. 460-464; Júlio Dantas, “Os Livros em Portugal na Idade Média. A livraria do Infante Santo”, *Anais das Bibliotecas e Arquivos* 2 (1921) 101-109; Robert Ricard, “Les lectures spirituelles de l’Infant Ferdinand de Portugal (1437)”, *Revue du Moyen-Âge Latin* 3 (1947) 43-51; Serafim da Silva Neto, *Textos Medievais portugueses e seus Problemas*, Rio de Janeiro, 1956, pp. 119-122; Aires A. Nascimento, “As Livrarias dos Príncipes de Avis”, *Biblos* 69 (1993) 265-287; José Marques, “Livrarias de Mão no Portugal medievo”, *Bracara Augusta* 47, nº 100 (113) (1997) 269-282.

¹¹ Jean Leclercq, *L’Amour des Lettres et le Désir de Dieu*, Paris, 1990, p. 111.

nem estéril, nem servil, pois não se limita a fazer a transposição das palavras originais. O autor capta os elementos essenciais, trabalha-os e reorganiza-os mentalmente, libertando-se do original, e insufla-lhes um espírito renovador. Basta confrontar, por exemplo, o processo de inserção das citações no *Trautado* pelo secretário de D. Fernando com o *modus faciendi* do biógrafo latino. Enquanto, no texto de Fr. João Álvares, as citações são bem menos numerosas do que as do *Martyrium et Gesta...* e quase sempre anunciadas, na versão latina são muito frequentes e subtis, i. e., introduzidas com naturalidade, como se fosse texto original e não citação.

Não quer isso dizer que o autor latino adultere as suas fontes. Os textos originais contêm já em si preocupações estético-literárias. Ao assimilar tais passos, o autor visa igualmente enriquecer a sua obra com essa beleza. Ele reactiva os elementos importados e procura aumentar a sua literariedade, conferindo-lhes maior dimensão estética por meio do acréscimo de outros recursos literários da sua lavra.

O biógrafo latino de D. Fernando evidencia, portanto, o seu poder demiúrgico na absorção, transformação, combinação e integração das suas fontes na obra, sem alterar, deformar ou sequer forçar o valor contextual. Em contrapartida, revitaliza a palavra desgastada, uma vez que a verte em moldes inovadores, harmoniosamente adaptados às novas circunstâncias.

Ainda que lhe tenha escasseado o tempo necessário para reflectir devidamente sobre a escolha das palavras ou a construção da frase, não deixou de embelezar e enriquecer o seu texto. Esta circunstância revela bem a competência literária do autor, o bom domínio das técnicas retórico-estilísticas e a facilidade com que as aplicava.

A pressa com que o autor redigiu o *Martyrium et Gesta...* prejudicou, em parte, as finalidades hagiológicas da obra. Foram omitidos episódios da vida do Infante que, embora registados por Fr. João Álvares no *Trautado*, resultariam relevantes para a divulgação das elevadas qualidades do Príncipe Constante e para a confirmação da santidade dos seus valores. Outros factos que, pelo seu teor e importância hagiológica, mereceriam um tratamento mais pormenorizado foram excessivamente abreviados. O autor restringiu, assim, o alcance hagiográfico de alguns episódios e eliminou, muito simplesmente, outros que se poderiam assumir potencialmente dinamizadores dos traços caracteristicamente hagiomórficos do biografado. Numa obra que visava enaltecer e glorificar a personalidade de D. Fernando no mundo ocidental, mais se justificava a sua inclusão.

O *Martyrium et Gesta...* vem também confirmar ou esclarecer muitas informações de natureza histórica. Daí que se tenha reservado numa secção

especial espaço para a discussão de algumas das implicações históricas relacionadas não apenas com Tânger, mas também com a política nacional e internacional de D. Duarte. O texto latino é igualmente relevante para a compreensão da tão contestada abordagem histórica por Rui de Pina em algumas das suas crónicas, nomeadamente na *Chronica do Senhor Rey D. Duarte*. Efectivamente, a biografia latina de D. Fernando confirma também algumas inverdades das crónicas de Rui de Pina, dando, mais uma vez, razão aos que impugnaram a originalidade de parte das suas composições historiográficas ou põem em causa a sua probidade de historiador. Por outro lado, concluímos que há comprovadamente, entre a biografia latina e a obra de Rui de Pina – e referimo-nos muito especificamente à crónica de D. Duarte e à de D. Afonso V –, um fundo documental comum, ao qual ambos os autores recorreram, ainda que em épocas diferentes ¹². Por outras palavras, o facto de o *Martyrium et Gesta...* e as crónicas de Rui de Pina partilharem relações paragramáticas com os mesmos presumíveis hipotextos revela, como pudemos demonstrar, que Rui de Pina recorreu a materiais alheios para a elaboração das “suas” crónicas ¹³. Esta constatação vem, pois, dar razão aos estudiosos que, desde Damião de Góis e João de Barros, questionaram a autoria de algumas das obras de Rui de Pina. Assim, o *Martyrium et Gesta...* contribui igualmente para a reabilitação histórica de D. Duarte e sobretudo do Infante D. Henrique, figuras muito maltratadas por Rui de Pina, devido a uma visão parcial dos factos históricos.

A análise literária termina com a problemática do género literário em que a obra se integra.

Para o final ficou a discussão de vários assuntos: a datação da obra – que nós situamos entre 1451 e 1470/71, baseado em elementos diversos devidamente explorados –, a autoria e a iconografia do Infante Santo.

Efectivamente, a imagem de D. Fernando no *Cod. Vat. Lat. 3634* propiciou uma atenção especial à iconografia fernandina. O retrato de

¹² Recordemos que Rui de Pina só inicia a redacção das suas Crónicas por volta de 1490, segundo demonstra uma tença de 9600 reis, que D. João II lhe atribui para o efeito, em 16 de Fevereiro desse ano. Vd. A. Braamcamp Freire, *Crítica e Historia*, vol. 1, Lisboa, 1900, p. 55, que aí confirma a investigação do Abade Correia da Serra.

¹³ Devemos lembrar que, embora a biografia latina de D. Fernando seja cronologicamente anterior às crónicas de Pina, subsiste a presunção bem fundada de que este cronista não teve acesso a um texto que, pelo menos a partir do início dos anos 70, já se encontrava no Vaticano. Não podemos, portanto, admitir que o *Martyrium et Gesta...* tenha servido de fonte ao cronista lusitano.

D. Fernando revestia-se de interesses multifacetados, que ultrapassavam o âmbito restrito da História da Arte. Na verdade, o estudo da efígie do Infante Santo suscitou discussões atinentes à própria elaboração do códice, às circunstâncias da sua redacção, aos condicionalismos históricos e sócio-culturais da época, às questões de natureza religiosa, relacionadas não apenas com o intercâmbio cultural entre instituições religiosas, mas também com as manifestações religiosas ou, de um modo geral, com a prática cultural que os Portugueses consagravam a D. Fernando. Mais ainda, a análise da imagem fernandina no códice do *Martyrium et Gesta...* contribuiu até para o estudo da própria autoria da biografia latina do Príncipe de Avis.

Nós limitámo-nos a fornecer mais algumas achegas – proporcionadas quer pelo estudo iconográfico do *Martyrium et Gesta...*, quer pela análise filológica, em articulação com os factos históricos conhecidos. Com base essencialmente em elementos de natureza literária – tanto relativamente à biografia portuguesa de Fr. João Álvares, como através da intertextualidade entre o *Martyrium et Gesta...* e o texto do Políptico de Nuno Gonçalves – a análise filológica reforça a tese fernandina dos painéis de Nuno Gonçalves.

Os motivos de ordem política que presidiram a uma presumível ocultação dos painéis devido à representação do Infante D. Pedro, o maior inimigo de D. Afonso V e seus conselheiros, terá contribuído para que se perdessem os laços identificativos que o clero, os nobres ou a população, em geral, haviam estabelecido outrora entre os painéis e a pessoa do Infante Santo. Todavia, mais determinante ainda para a fixação iconográfica do Infante mártir foi certamente o impacto da revelação dos pormenores dos opróbrios sofridos por D. Fernando durante o cativeiro, após a publicação do *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso Senhor Ifante dom Fernando* por Fr. João Álvares. Esta divulgação condicionou desde então, decisiva e irrevogavelmente, a recepção do retrato de D. Fernando, colocando a tónica numa imagem lastimosa do Cativo de Fez, mais adequada à realidade e potencialmente granjeadora de sentimentos de compaixão e simpatia no íntimo de todos quantos a admirassem.

A pungente e confrangedora percepção de imagem tão miseranda, vincada e ampliada pela emoção de todo um povo, que imediatamente elevou o seu Príncipe à dignidade de mártir da Fé, ficou indelevelmente marcada no património espiritual da Nação Portuguesa.

Efectivamente, desde muito cedo o Cativo de Fez foi apelidado de mártir. Logo a *uox populi* o canonizou. A fama de santidade transparece de todas as manifestações populares de que há notícia, referentes ao Infante Santo.

Tendo presente a pompa e emoção com que foram celebradas, em Lisboa, as exéquias do Infante D. Fernando e o cerimonial que acompanhou as relíquias na sua trasladação para a Batalha, não poderia haver maior reconhecimento da sua santidade por parte da igreja local, como bem relembra Martin Heinzelmann ao salientar que a *translatio* dos restos mortais de alguém significava o reconhecimento oficial, pelas autoridades eclesiásticas, da respectiva *sanctitas* e simultaneamente a introdução do culto ¹⁴.

Por outro lado, o culto de um mártir encontrava-se inalienavelmente ligado ao seu túmulo. Como diz T. Klauser, “sem túmulo também não havia culto” ¹⁵. Se as relíquias de D. Fernando repousavam na Batalha, não havia local mais indicado para encabeçar a promoção do culto e da devoção ao Infante Santo. Todavia, sendo o Príncipe Constante um mártir que pereceu no estrangeiro, fora de solo sagrado, e como as suas ossadas só regressaram a solo pátrio quase três décadas após a sua morte, nenhuma localidade ou região de Portugal se sentia moralmente autorizada a “apropriar-se” do culto do Infante Santo e a assumi-lo como exclusivamente seu.

Ora, o jovem Mestre de Avis era um mártir da Pátria. Todo o povo português o sentia como seu. O bom relacionamento da casa real com os Franciscanos propiciou a sentida iniciativa de D. Isabel, Duquesa da Borgonha, ao solicitar a autorização pontifícia para se fundar uma capela em honra de seu irmão, naquela que é hoje a Igreja de Santo António em Lisboa, e para se cumular com indulgências todos os que a visitassem na solenidade da sua morte.

Franciscanos e Dominicanos seriam, pois, as ordens religiosas mais indicadas para promoverem a causa da canonização de D. Fernando. Aí procurámos descortinar a identidade do autor anónimo do *Martyrium et Gesta...* Com efeito, a influência e predomínio não apenas das citações de textos franciscanos, mas também da própria linguagem comum às fontes seráficas e bem assim a facilidade com que o autor se move nos autores

¹⁴ Martin Heinzelmann, *Translationsberichte und andere Quellen des Reliquienkultes* (Typologie des sources du moyen âge occidental, 33), Turnhout, 1979, p. 91: “Es sei daran erinnert, dass die Translation durch die kirchlichen Autoritäten die offizielle Anerkennung der *sanctitas* und die gleichzeitige Einleitung eines Kultes bedeutete”.

¹⁵ T. Klauser, “Christlicher Märtyrerkult, heidnischer Heroenkult und spätjüdische Heiligenverehrung”, *Gesammelte Arbeiten zur Liturgiegeschichte, Kirchengeschichte und christlichen Archäologie* (Jahrbuch für Antike und Christentum, Erg.-Bd. 3; ed. T. Klauser), Münster, 1974, pp. 221-229, na p. 229.

minoritas – hagiógrafos e cronistas – permite conjecturar com alguma consistência que o autor do *Martyrium et Gesta...* seria muito provavelmente um frade franciscano. Essa identificação só poderia ser correctamente estabelecida mediante o confronto estilístico-literário da biografia latina com a produção literária das personalidades passíveis de lhes ser imputada a autoria da obra. Poucos eram os candidatos com um *corpus* latino suficientemente vasto que permitisse desenvolver um confronto desse género. Aplicando critérios puramente estilístico-literários, eliminámos alguns dos candidatos. Dos remanescentes excluímos ainda os que não respondiam aos requisitos resultantes da combinação de vários factores de natureza histórico-cultural. Por exclusão de partes, sobrou apenas um candidato que, à falta de outros elementos, preenchia as exigências previamente estabelecidas: o franciscano D. Fr. João Martins.

Não podemos dizer que se trata de um resultado satisfatoriamente obtido, ainda que assaz convincente, pois foi conseguido através de um processo eliminatório, negativo e não positivo, ou seja, faltam-nos textos latinos que, por meio de um estudo comparativo, nos permitam ratificar ou infirmar a conclusão a que chegámos.

O cariz histórico-hagiográfico do *Martyrium et Gesta...*, aliado à presumível finalidade da obra e, sobretudo, ao espírito da época, prestava-se igualmente a que o seu autor explorasse os conceitos de ‘mártir’, de *miles Christi*, de cavalaria, de cruzado. Quanto às ideias ou mentalidades da época, convém sublinhar que a qualidade central e primária da ‘aristo-cracia’ irradiava de uma síntese do cavaleiro-monge das cruzadas e da Reconquista com o cavaleiro místico do ciclo arturiano, da demanda do Santo Graal, e se manifestava, primeiramente, no serviço de Deus e, posteriormente, na honra, valor e glória, o mesmo seja dizer, em merecer e coroar com feitos dignos e gloriosos a condição de cavaleiro. Era esta a ἀρετή (aretê) medieval que D. Filipa de Lencastre e D. João I incutiram no espírito dos Altos Infantes e, por extensão, no de toda a Corte lusitana.

Por conseguinte, o *Martyrium et Gesta...* pode ser perspectivado como uma obra hagiográfica de feições potencialmente épicas. Todavia a simbiose que une, no cavaleiro, as duas dimensões de que ele é portador – a temporal e a espiritual – destila dos infortúnios materiais a pedra filosofal que transforma a derrota numa ascensão à glória da plenitude divina

¹⁶ O Príncipe Constante encarna a união perfeita do ideal monástico com o de cavalaria, conferindo uma duplicidade heróica à sua gesta, o que está de acordo com a

¹⁶. D. Fernando depõe o arnês das honrarias terrenas e sob as roupagens bélicas, em vez do burel grosseiro e rude, revela-se um diamante cuja lapidação é aperfeiçoada ao longo de seis laboriosos anos, até atingir a sua mais pura nobreza.

A derrota aos olhos dos humanos é o fim da *gesta* gloriosa deste mundo, mas, na perspectiva hierática, é o início de uma nova épica, culminando uma ascensão gradual num longo processo de decantação das virtudes fernandinas. O auge de toda esta evolução é Deus, que, por intermédio da Virgem Maria, derrama no cavaleiro de Avis toda a manifestação da graça divina. O novo Galaaz, na busca incessante do Transcendente, acaba por encontrar o Graal, mas, contrariamente ao antigo eleito, que morreu, este sobrevive, porque se soube alhear por completo das glórias terrenas, optando pelo *contemptus mundi*, e, abraçando a espiritualidade monástica, numa modalidade que prenunciava já a efervescência latente da *deuotio moderna*, alcançou a perfeição na imitação de Cristo.

Nota final

Só já depois de termos concluído o nosso trabalho nos chegou às mãos a obra de João Luís Inglês Fontes, *Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo*, Cascais, 2000. Com muita pena nossa, não nos foi, então, possível, fazer uma leitura cuidada desta obra e articular as nossas perspectivas com alguns dos temas aí desenvolvidos. Contamos fazê-lo sobretudo no estudo comparativo (i. é, entre as duas biografias fernandinas) do retrato do Infante D. Fernando, investigação que excluímos da nossa dissertação, mas que contamos publicar proximamente.

visão da religiosidade aristocrática medieval de Huizinga: “A côté du romantisme de la chevalerie, on pourrait placer le romantisme de la sainteté, si l’on entendait par là le besoin de créer la représentation idéale d’une forme de vie déterminée”. Vd. J. Huizinga, *Le déclin au Moyen Age*, traduit du Hollandais par J. Bastin, préface de Gabriel Hanotaux, Paris, 1932, p. 221.